

O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO NA FASE ADULTA: REFLEXÕES

Renata de Fátima Fazolin Ferres de Souza

A humanização é frequentemente associada às fases iniciais do desenvolvimento humano, sobretudo à infância e juventude, períodos em que se estruturam valores, afetos e aprendizagens fundamentais. No entanto, compreendê-la como um processo exclusivamente infantil é reduzir sua potência e ignorar as transformações que ocorrem ao longo da vida. Na fase adulta, a humanização adquire contornos próprios, especialmente no contexto das relações de trabalho, da vivência em sociedade e da busca por sentido e autonomia.

A Humanização como processo contínuo

Na perspectiva de Lev Vygotsky (2010), o processo de humanização constitui-se fundamentalmente nas relações sociais e culturais, e não como um desenvolvimento puramente biológico ou individual. O ser humano forma-se na e pela interação com o outro, mediado pela linguagem, pelos instrumentos culturais e pelas práticas sociais historicamente construídas. Assim, a consciência, o pensamento e a identidade emergem a partir das experiências compartilhadas, do diálogo e da participação em contextos coletivos significativos.

Valentin Volóchinov (2019, p. 245) é mais um estudioso que contribui para a reflexão ao afirmar: “É completamente compreensível que um homem, vivendo isolado, não só não criaria a linguagem, mas sequer uma cultura.” Desta forma não é possível pensar em desenvolvimento humano como uma atividade isolada e individual, mas como uma atividade partilhada e coletiva.

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

A pedagogia freinetiana contribuiu para isso, porque, embora centrada na criança, é possível remetê-la também à fase adulta:

Tudo se passa como se o indivíduo - e aliás todo ser vivo - fosse dotado de um potencial de vida, do qual ainda não podemos definir nem a origem, nem a natureza, nem a meta, o qual o tende não só a conservar-se e recarregar-se, mas também a aumentar, adquirir o máximo de potência, a desabrochar-se e a transmitir-se a outros seres que serão seu prolongamento e sua continuação. E tudo isso não ao acaso, mas segundo linhas de uma especificidade inserida no próprio funcionamento de nosso organismo e na necessidade de equilíbrio sem o qual é a vida não se poderia realizar. (Freinet, 1998, p.12-13)

Para Freinet (1998), aprender é inseparável de viver. A cultura, nessa perspectiva, não é um conjunto estático de criações, mas um espaço dinâmico de produção de sentidos. O adulto, ao manter contato com práticas culturais, continua exercendo aquilo que Freinet chama de 'tateamento experimental': pensar, expressar, produzir e transformar. Nesse sentido, museus, literatura, música, artes visuais, manifestações populares e práticas comunitárias não são meros entretenimentos, mas espaços de formação humana permanente.

Paulo Freire (1996), quando aborda a educação libertadora, também ressalta que a humanização é uma vocação inerente ao ser humano, no entanto, na fase adulta, essa construção é permeada por desafios como a alienação, a mecanização da vida cotidiana e o esvaziamento das relações sociais. Dessa forma, é preciso considerar que a humanização não é automática e nem estática, de uma única fase da vida, mas um movimento contínuo de autotransformação, sendo a fase adulta também uma etapa de continuidade desse processo de humanização.

No entanto, é preciso refletir se essa humanização acontece de forma efetiva. A dificuldade de acesso à cultura na vida adulta constitui uma das adversidades encontradas nessa fase. Muitos adultos são afastados das experiências culturais nem sempre por falta de interesse, mas por precarização econômica e a ausência de política

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

pública voltada para esse público que reforçam o distanciamento, e, nesse contexto, o acesso à cultura passa a ser visto como privilégio e não como necessidade, impedindo que sujeitos adultos se reconheçam como produtores e consumidores de cultura.

Garantir o acesso cultural na vida adulta não é, ou pelo menos não deveria ser considerado um privilégio, mas uma condição necessária para a continuidade permanente do processo de humanização, porque possibilita que os sujeitos ampliem suas formas de pensar, sentir e intervir no mundo. A cultura não é um adorno da existência, mas um campo de construção de sentidos, pertencimento e criticidade.

A participação de adultos em práticas culturais que promovem a autonomia intelectual contribui significativamente para o desenvolvimento da capacidade de diálogo, da leitura crítica da realidade social e da ampliação da consciência sobre si e sobre o mundo, e, nesse processo, torna-se possível a reconstrução de trajetórias historicamente marcadas por diferentes formas de exclusão social, cultural e educacional.

Registro de Experiência

Dada a contextualização acima, a equipe da EMEI Roda Pião, escola de educação infantil da cidade de Marília, SP, tem participado de ações de continuidade de humanização ao experimentar situações culturais em espaços na cidade de São Paulo. Em uma primeira oportunidade foi realizada uma visita ao Museu da Língua Portuguesa com o objetivo de ampliar a compreensão sobre a formação histórica, social e cultural da língua portuguesa, reconhecendo-a como patrimônio vivo da nossa cultura. Na mesma oportunidade foi possível conhecer outros marcadores históricos e culturais da cidade como o Mercado Municipal e o tradicional bairro da Liberdade, além de ser utilizado o transporte do metrô, a primeira experiência para muitos dos participantes nesse tipo de transporte como relatado no depoimento de uma participante:

Imagem 1 – Uso do metrô.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

“A viagem organizada pela diretora Renata me proporcionou uma experiência muito marcante, especialmente por ter sido a minha primeira viagem à capital. Tudo era novo e despertava curiosidade e encantamento. Também foi a primeira vez que andei de metrô. No início senti um pouco de ansiedade por ser algo desconhecido e pela movimentação intensa da cidade, mas ao mesmo tempo fiquei muito animada por viver essa experiência. Além disso, também foi a primeira vez que visitei o Museu da Língua Portuguesa e a Igreja da Sé. Conhecer esses marcos históricos foi algo muito significativo, pois além de enriquecer meus conhecimentos, me proporcionou momentos de reflexão e admiração pela história e cultura do nosso país. Foi uma experiência incrível de aprendizado e ampliação de horizontes, que certamente ficará guardada com carinho na minha memória, e sou muito grata por ter tido essa oportunidade.” (L. V. B. E.)

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

Imagem 2, 3 e 4 – Espaços do Museu da Língua Portuguesa.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Sob a perspectiva da pedagogia de Célestin Freinet, a aprendizagem deve estar conectada à realidade concreta e à experiência vivida que defende que o conhecimento não se constrói apenas por meio da transmissão de conteúdos, mas principalmente através da interação ativa do sujeito com o mundo que o cerca. Nesse sentido, os espaços culturais funcionam como territórios de aprendizagem viva, nos quais o adulto pode observar, questionar, interpretar e atribuir novos significados às produções humanas ao longo da sua história, o que ficou claramente evidenciado de forma explícita no depoimento de L. V. B. E.

Em outra viagem se deu a visita ao Museu Catavento com objetivo de compreender fenômenos naturais, tecnológicos e sociais por meio de experiências interativas e também a visita ao Zoológico de São Paulo.

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

Imagem 5 e 6 – Grupo de professores no Museu Catavento e no Zoológico.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

“Eu amei ter ido a São Paulo pois eu sempre tive vontade de ir conhecer o Patrimônio Histórico, pra mim foi uma experiência incrível, pois eu nunca imaginei como era lá dentro e gostaria de ter mais oportunidade como essa!” (E. C. S.)

“Promover e incentivar o acesso do nosso grupo a ambientes culturais se tornou uma ação educativa e social de grande relevância que trouxe na prática algumas reflexões que estudamos sobre os princípios defendidos por Freinet. Essas experiências reforçam a ideia de que a formação humana não se encerra na escola ou na infância, mas sim se estende ao longo de toda a vida quando entramos em contato constante com a cultura, a arte e as múltiplas expressões da produção humana” (V. N.)

Essas vivências oferecidas tiveram como objetivo central promover o que os autores citados explanam sobre o processo de humanização: oferecer o contato direto com a produção cultural, fortalecendo a continuidade de humanização inclusive na fase adulta. Ao proporcionar experiências sensíveis, reflexivas e coletivas, os espaços histórico-culturais favoreceram a ampliação da consciência crítica e a construção de uma visão de mundo mais ampla e humanizada, uma vez que esses espaços funcionam como locais de preservação e transmissão da memória coletiva. Quando entramos em contato com obras, documentos, objetos históricos e manifestações artísticas, estabelecemos vínculos com narrativas que ultrapassam nossa experiência individual, conectando-nos com a trajetória de um coletivo.

Visitar esses locais culturais não foi apenas uma atividade de lazer e de experiência de entretenimento. Tratou-se de uma prática formativa que contribuiu significativamente para o desenvolvimento intelectual, emocional e social do grupo envolvido.

Referências

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

FREINET, Célestin. Ensaio de psicologia sensível. Tradução de Cristiane Nascimento e Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VIGOTSKI, L. S. *Quarta aula: a questão do meio na pedagogia*. Trad. Márcia Pileggi Vinha. *Psicologia USP*, v.21, n.4, p. 681-701, 1 jan. 2010.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.